

Data: 16.02.2022

Título: Cultura é ainda um privilégio dos mais ricos, jovens e cultos

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3;4;5



Inquérito ao consumo **Cultura é ainda um privilégio dos mais ricos, jovens e cultos**

Retrato do consumo de livros, dança ou música realizado pelo ICS revela a persistência das desigualdades no acesso à cultura **Destaque, 2 a 5**

Área: 2840cm² / 61%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7339898

Destaque Práticas Culturais em Portugal



Cultura ainda é privilégio dos mais ricos, mais novos e mais instruídos

Inquérito pioneiro confirma acentuadas clivagens sociais, mas também traz boas notícias. Os livros estão em queda, a leitura não necessariamente. E, alavancados pela escolaridade, alguns consumos mais eruditos transpõem as barreiras de classe

Isabel Salema

É um retrato dos consumos culturais dos portugueses, o primeiro de âmbito verdadeiramente nacional. Com que regularidade vão ao cinema, e para ver que tipo de filmes? Quantos livros lêem por ano, em que suporte e de que género? Que espetáculos ao vivo frequentam, que monumentos e museus visitam? E que impacto tem hoje a Internet no acesso a estes bens?

A resposta a estas e muitas outras perguntas pode ser encontrada no *Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses* realizado pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) em 2020, e cujas principais conclusões foram apresentadas ontem a numa conferência de imprensa. Talvez sem surpresa, apontam para a persistência das clivagens sociais no acesso à cultura, que em áreas como a dança ou a música erudita se mostra mesmo uma prática profundamente minoritária. Num país em que a maioria da população passa um ano sem ler um livro, os hábitos de fruição e participação cultural ainda são privilégio dos mais ricos, dos mais novos e dos mais escolarizados.

Será a cultura factor de exclusão? Há números que mostram que sim: 51% dos operários e 42% dos trabalha-

dores de serviços dizem que não têm conhecimentos para desfrutar da oferta cultural, e só 7% dos grandes empresários e profissionais liberais sentem o mesmo. Os grupos que não têm essas ferramentas, e que são transversais a todas as categorias socioprofissionais, mostram práticas culturais bastante inferiores à média: no cinema, o desnível é de 18 contra 41%. E se no escalão mais baixo dos rendimentos só 6% foram a um museu e 10% a uma sessão de cinema no período abrangido pelo inquérito, as percentagens sobem para 60% e 78% no escalão mais alto.

Um "sonho" de várias gerações de gestores culturais, sociólogos, artistas e mesmo políticos, este estudo pioneiro resultou de uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian e poderá contribuir para delinear políticas públicas de cultura mais informadas e inovadoras, bem como ajudar as instituições culturais a encontrarem novas grelhas de leitura dos seus públicos, acreditam os três coordenadores, José Machado Pais, sociólogo cultural, Pedro Magalhães, especialista em inquéritos à população (ambos do ICS), e Miguel Lobo Antunes, ex-gestor e programador cultural. A pedra de toque aqui, sublinha este último ao PÚBLICO, é justamente tratar-se de um retrato não da oferta mas da procura. Os 2000 inquiri-



Área: 2840cm² / 61%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 7339898

dos são uma amostra que quer representar toda a população portuguesa, e não apenas os artistas, os programadores ou aqueles que frequentam as instituições culturais.

“Toda a política cultural é centrada na oferta, ou seja nos artistas e nas estruturas que os mantêm. Mas não conhecíamos a consequência disso ao nível da procura. Como um dos objectivos é democratizar a cultura, levar a oferta cultural a uma maior número, o resultado do inquérito dá uma ideia do que está a acontecer aqui. E o que verificámos é que as pessoas aderem pouco. Os consumos são minoritários e, nalguns casos, como na dança e na música clássica, mesmo ultraminoritários. Mas não só nessas áreas. Só 13% dos portugueses foram ao teatro no ano anterior ao inquérito.”

Além de minoritário, o acesso é também muito desigual, sublinha Lobo Antunes. “Há uma diferença muito grande entre os mais ricos e os mais pobres, entre os mais velhos e os mais novos e entre os mais instruídos e os menos instruídos. Existe em todos os países, mas aqui é muito acentuada. Quem lê, quem vai a espectáculos, quem visita museus ou monumentos são os mais ricos, os mais educados e os mais novos.”

Para chegar a estas conclusões, os três coordenadores lideraram uma equipa de seis investigadores, que

recorreram a 57 entrevistadores para inquirir 2000 portugueses residentes em todo o território nacional (Açores e Madeira incluídos), com 15 ou mais anos de idade.

Como foi para a rua nos últimos meses de 2020, de Setembro a Dezembro, o inquérito teve de ter em conta o impacto da covid-19 nos consumos culturais. Para aferir a frequência de bibliotecas, arquivos, museus, monumentos, sítios arqueológicos, galerias de arte, cinemas, teatros, circo, recintos de espectáculos, incluindo festivais e festas locais, teve por referência os 12 meses anteriores ao início da pandemia. Já nas restantes práticas culturais, como os usos da Internet, da televisão e da rádio ou as práticas de leitura, foram tidos em conta os 12 meses imediatamente anteriores às entrevistas.

Más e boas notícias

Para perceber as raízes da fraca adesão às práticas culturais, o estudo inquiriu também os entrevistados sobre as razões que os levam a ignorá-las. “É fundamental perceber até onde chega e como chega a criação. Se não percebermos o que se passa ao nível do público a quem toda esta oferta é dirigida, não conseguimos ter um retrato da vida cultural portuguesa. Nem pensar instrumentos eficazes de transformação dessa realidade, se é

que queremos transformá-la”, resume Lobo Antunes.

Se há más notícias que saltam à vista – a maioria dos portugueses não leu, no último ano, qualquer livro em papel (e muito menos em suporte digital) –, o sociólogo José Machado Pais encontra igualmente resultados que lhe permitem contrariar, de alguma forma, um guru da sociologia da cultura, Pierre Bourdieu. Nem sempre, sublinha, há “forte correlação” entre privilégio social e práticas culturais eruditas. “Constatámos, por exemplo, que inquiridos de classes socioprofissionais mais prestigiadas e com maior poder de compra acabam por ter alguma adesão a práticas culturais mais populares.” De facto, uma das actividades mais enraizadas na população portuguesa é a participação em festivais ou festas locais (38%) – só ultrapassada pelo cinema (41%).

Este “omnivorismo cultural” das elites, o seu trânsito do erudito para o popular, não é propriamente uma originalidade portuguesa. Foi registado em países como os Estados Unidos, o Canadá ou a França, e é também característica dos inquiridos portugueses mais jovens. “Há efectivamente uma ebulição na estrutura social que faz com que esta homologia de Bourdieu seja abalada.”

Contrariando também este determinismo social, uma singularidade

A frequência de festivais e festas locais é uma das práticas culturais mais enraizadas na população portuguesa; pelo contrário, os museus são o palco invisível de uma luta de classes: apenas 6% dos inquiridos do escalão de rendimentos mais baixo referiu esse hábito, contra 60% dos inquiridos do escalão mais elevado

[As assimetrias identificadas pelo estudo] não são atacáveis através de políticas culturais, mas através de outros instrumentos do poder do Estado

Miguel Lobo Antunes

Ex-programador e gestor cultural

mais portuguesa (e “uma boa notícia”) é que aqueles que podem ser considerados como “deserdados culturais” – quando nenhum dos pais ultrapassou o terceiro ciclo de escolaridade conseguem “ampliar” as suas práticas depois de passarem pelo ensino superior: 14% assistiram a concertos de música erudita, enquanto a média nacional é de 6%. Esse *background* teoricamente desfavorável também não impediu que 33% dos inquiridos deste segmento tivessem ido ao teatro, 49% a feiras do livro, 54% a museus, 64% ao cinema, 44% a festivais ou festas locais, 41% a concertos de música ao vivo, ou que 37% tivessem assistido a espectáculos pela Internet. “*Last but not the least*” (escreve o estudo assim mesmo em inglês), 70% destes entrevistados leram pelo menos um livro no período considerado.

“A mobilidade escolar intergeracional que protagonizaram reflecte-se nas suas práticas culturais, sendo ao mesmo tempo reflexo da democratização do sistema de ensino. Se esta tendência persistir é expectável que a participação cultural dos portugueses se valorize num futuro próximo”, conclui Machado Pais numa das 444 páginas deste estudo. “É um factor de optimismo, sem dúvida”, diz ao PÚBLICO.

Mas a primeira razão para o

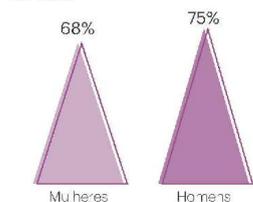
Destaque Práticas Culturais em Portugal

Práticas Culturais dos Portugueses 2020

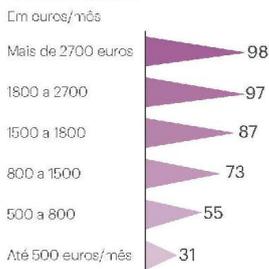
Utilização da Internet pelos inquiridos Utilizam **71%** **29%** Não utilizam

CARACTERÍSTICAS SOCIOGRÁFICAS DOS INQUIRIDOS E QUE UTILIZAM A INTERNET

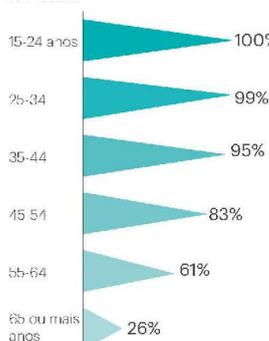
Por sexo



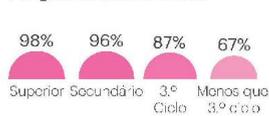
Por rendimentos



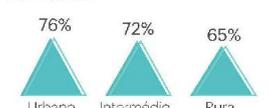
Por idade



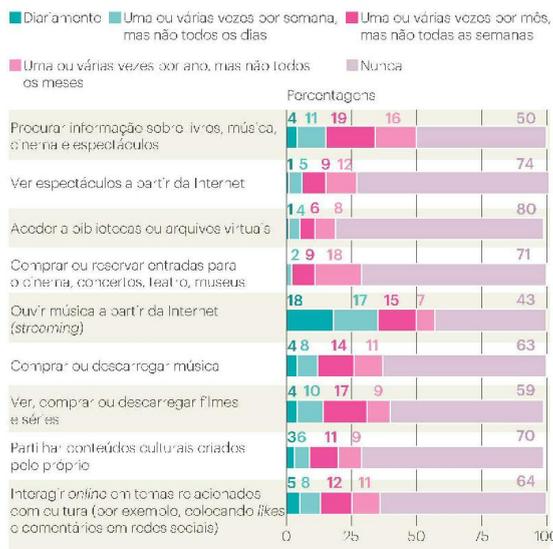
Por grau de ensino obtido



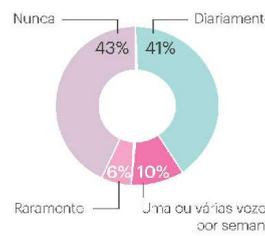
Por habitat



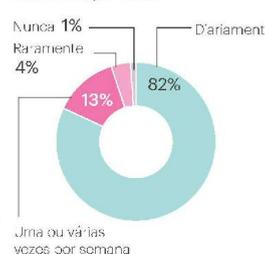
Frequência de utilização da Internet para realizar as seguintes actividades culturais



Frequência da ligação à Internet para trabalho ou estudo



Frequência da ligação à Internet por lazer



Note: os valores são arredondados, podendo não somar os 100%

Fonte: Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses 2020 - Síntese dos Resultados, ICS

optimismo é demográfica: os mais jovens têm mais consumos culturais. Certo? "Sim, mas este é o primeiro grande inquérito às práticas culturais dos portugueses à escala nacional. Não temos indicadores que numa perspectiva longitudinal nos permitam vislumbrar tendências quer olhando para dados do passado, quer projectando essas tendências no futuro. Isso vai acontecer quando e se se replicarem inquéritos desta natureza", responde o sociólogo.

De qualquer forma, quando se analisam os dados de uma perspectiva estática através das gerações, o que se constata é que o perfil cultural dos mais jovens é muito distinto do dos mais idosos. "É uma clivagem social muito acentuada. A percentagem de jovens dos 15 aos 24 anos que vêem cinema pelo menos uma vez por mês é dupla da média nacional, e se pensarmos no futuro este é um dado muito significativo. O maior comprometimento dos jovens é quase transversal a todas as práticas culturais, excepto numa, a televisão." O que não é, propriamente, uma má notícia. "Os jovens dos 15-24 anos passam em média duas horas por dia típico da semana em frente à televisão; enquanto o grupo dos 65 anos ou mais passa o dobro."

Menos livros, mais leitores? O envelhecimento da população,

porém, pode comprometer este progresso. 33% dos inquiridos do estudo estão no escalão dos 65 anos ou mais. "Quando se fazem comparações internacionais, o posicionamento de Portugal fica prejudicado por essa via. Também não colocámos um limite etário no nosso inquérito." O mais velho dos inquiridos tem 94 anos. Consequentemente, mas não só, a percentagem de entrevistados que, no último ano, não leram qualquer livro impresso (61%) é francamente superior à registada na vizinha Espanha um ano antes (38%). E também na leitura de livros digitais ficamos atrás: apenas 10% dos inquiridos portugueses tiveram essa actividade, contra 20% dos espanhóis.

Relativamente ao último inquérito à leitura feito em Portugal, referente a 2007, os números vêm confirmar uma tendência de queda: os não leitores passaram de 45% para 61%. Mas, como Pedro Magalhães assinalou, o estudo de 2007 não incluía as Regiões Autónomas, entre outras diferenças metodológicas. Já o inquérito conduzido em 1999 pelo Instituto Nacional de Estatística contabilizou apenas 31% de leitores de livros em papel.

Depois de décadas de Plano Nacional de Leitura (PNL), os portugueses estão a ler menos? Voltamos ao envelhecimento da população. São os estudantes e os jovens que mais

A percentagem de jovens que vêem cinema é dupla da média nacional, e se pensarmos no futuro este é um dado muito significativo

José Machado Pais Sociólogo



leem, mas também o fazem noutros suportes. "Temos indicadores que sinalizam disponibilidade de leitura através da Internet. Durante a pandemia, uma das práticas que se intensificou foi a da leitura de jornais, livros e revistas online", explica o sociólogo. O aumento foi de 12%.

A hipótese é que esta intensificação dos consumos na Internet com a pandemia, tal como aconteceu com os filmes e as séries (mais 24%), seja um "legado cumulativo e não substitutivo", comenta Pedro Magalhães. "Mas só o tempo nos vai permitir responder a essa pergunta."

Sem PNL, o panorama seria ainda "mais desanimador". "Todos os incentivos são muito bem-vindos porque fomentar o interesse pela leitura significa fomentar o interesse pela cultura", diz Machado Pais. "Há uma correlação forte entre leitura e outras práticas culturais."

Embora a maior parte dos inquiridos não tenha beneficiado, na infância ou adolescência, de estímulos à leitura na família, o inquérito demonstra, novamente, que são os mais jovens e aqueles cujos pais têm educação superior que reconhecem, com mais frequência, a importância desse apoio à leitura. E conclui-se novamente: "A democratização do acesso à educação potencia ganhos culturais nas gerações sucessoras." As grandes desigualdades, insiste,

Logo Antunes, são as que derivam dos rendimentos, da educação e da idade. "E não são atacáveis através de políticas culturais, mas através de outros instrumentos do poder do Estado." E se as projecções apontam para uma população mais envelhecida, resta saber se os inquiridos que têm práticas culturais em novos vão mantê-las. "Este retrato estático tem de ter continuidade para termos como as coisas mudam ao longo do tempo. Do ponto de vista das políticas, das programações e da gestão, não podemos não fazer nada."

"Como é que se pode actuar?", perguntou Isabel Mota, a presidente da Gulbenkian. No preço dos bilhetes? 20% dos inquiridos colocam-no como motivo para não frequentar determinadas práticas.

Muitas outras perguntas ficam no ar. "Por que é que se vai mais a espectáculos de dança no Norte e no Algarve e tão pouco na Área Metropolitana de Lisboa (AML)? Por que se lê mais na AML e no Algarve e muito pouco na Madeira?"

A partir de hoje, a base de dados do Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses 2020 fica disponível no Arquivo Português de Informação Social, com acesso aberto, para que investigadores, estudiosos e outros interessados possam analisá-la e contribuir para um retrato cada vez mais detalhado.

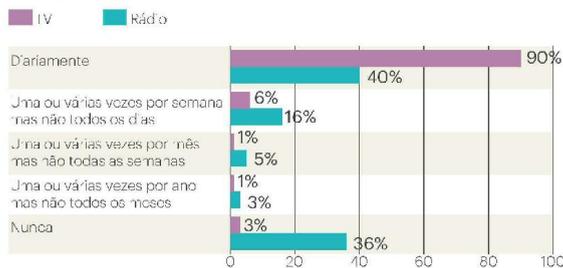
Área: 2840cm² / 61%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 7339898

Com que frequência vê televisão/ouve rádio



Leitura de livros, por suporte, nos últimos 12 meses



Regularidade de visitas culturais durante a infância e a adolescência, segundo o contexto de visita (%)



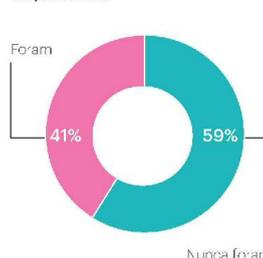
Frequência com que, na infância e adolescência (até aos 15 anos), os seus pais ou outros familiares responsáveis por si lhe liam histórias, ofereciam livros e iam a feiras do livro, livrarias ou bibliotecas



Frequência das visitas a museus, monumentos históricos, sítios arqueológicos e galerias de arte nos 12 meses anteriores à pandemia



Frequência de idas ao cinema nos 12 meses anteriores ao início da pandemia



Motivos que levaram à escolha do filme (%)



Área: 2840cm² / 61%

Infografia: PÚBLICO

Hábitos e consumos

Muita televisão e telemóvel, poucos livros e museus

Isabel Salema

Se as assimetrias etárias e sociais marcam muitos dos consumos culturais em Portugal, já as visitas a museus e monumentos permitem uma leitura mais optimista, destaca José Machado Pais, um dos autores do estudo que hoje será debatido na Fundação Calouste Gulbenkian.

Conectados e desconectados

Fixada nos 71%, a percentagem de inquiridos que utilizam a Internet fica aquém da média alcançada pelos países da União Europeia a 27 (87%), e caracteriza-se também por “uma forte clivagem geracional nos seus usos”. “Enquanto todos os inquiridos dos 15-24 anos afirmam ter usado a Internet, entre os inquiridos com 65 anos ou mais apenas cerca de um quarto deles a usou”, aponta o sociólogo.

“Quem são os desconectados?” Para além dos idosos, os indivíduos com baixos níveis de instrução e rendimentos. O uso da Internet atinge apenas 31% no grupo dos que contam com rendimentos líquidos familiares

até 500 euros mensais e aumenta à medida que crescem os recursos financeiros.

Os chamados utilizadores “transmediáticos”, tecnologicamente mais apetrechados, “tendem também a ser os mais jovens, os mais instruídos, com rendimentos mais elevados e os de classes socioprofissionais mais privilegiadas.”

O telemóvel é usado por 89% dos internautas como dispositivo preferencial de acesso à Internet, “numa lógica de conectividade permanente”. Cerca de 20 a 25% dos inquiridos partilharam conteúdos culturais criados pelos próprios, como vídeos, música ou imagens, leram ou escreveram em blogs e interagiram em temas relacionados com a cultura. “São indicadores que potencializam o incremento da participação cultural, não apenas numa postura receptiva mas também numa postura participativa”, aponta Machado Pais.

A centralidade da televisão

No capítulo do audiovisual, José Machado Pais destaca “a relativa persistência da centralidade da televi-

são”: 90% dos inquiridos dizem ter visto diariamente TV, mais do dobro dos que todos os dias ouvem rádio (40%) ou se ligam à Internet (41%). Mais expostos à televisão encontram-se os idosos e os inquiridos de rendimentos baixos. Os programas mais vistos são notícias, reportagens e informação (81%), seguindo-se filmes (57%), séries (43%), telenovelas (40%), documentários (36%) e programas



O telemóvel é para 89% dos internautas o dispositivo preferencial (e permanente) de acesso à Internet

desportivos (33%).

Quanto à rádio, é ouvida sobretudo em deslocações de carro (66%). Os programas preferidos são os de notícias e informação (59%) e música popular (50%). Mas a música clássica (12%) não anda longe da audiência do desporto, incluindo relatos de futebol (17%). “Entre os mais jovens, dos 15 aos 24 anos, há apenas uma minoria

(16%) que usa o aparelho de rádio tradicional. Optam por ouvir rádio no carro e no telemóvel.”

Mais jornais do que livros

Nos 12 meses considerados no inquérito, a percentagem de leitores de livros de jornais (39%) aproximou-se da de leitores de jornais (43%). Já em formato digital, a leitura de jornais (21%) é o dobro da que tem por suporte livros e revistas (10%). O romance (46%) sobressai como género mais procurado, sobretudo entre as mulheres.

Mas 61% dos portugueses não leram qualquer livro impresso no período de referência do inquérito. “Os mais assíduos leitores de livros surgem, sobretudo, entre os que atingiram um nível superior de ensino e cujos pais alcançaram esse mesmo nível de ensino. Este dado sugere que os hábitos de leitura se inscrevem em processos de socialização familiar.”

A maioria dos inquiridos não beneficiou porém de um estímulo à leitura em casa. Em 71% dos casos nunca os pais (ou qualquer outro familiar) os acompanharam a uma livraria, a uma feira do livro (75%) ou a uma bibliote-

ca (77%). Nem tão-pouco lhes ofereceram um livro (47%) ou os deleitaram com a leitura de histórias (54%). “Entre as gerações mais velhas estas socializações familiares não ocorrem, porque os pais eram analfabetos.”

Passear fora do concelho

“Os espaços culturais mais visitados foram os monumentos históricos (31%) e logo de seguida os museus (28%)”, diz José Machado Pais sobre as práticas de contacto com o património cultural e as artes visuais. Também aqui “há uma predominância de classes socioprofissionais elevadas, com rendimentos elevados e grau de ensino superior.” Só 13% dos inquiridos se deslocaram a sítios arqueológicos e apenas 11% a galerias de arte.

A maior parte dos visitantes (58%) deslocou-se a outro concelho do país para visitar museus e monumentos. “Este trânsito interconcelhio movido pelo desejo de acercamento ao património cultural afigura-se potenciador do reforço da identidade nacional”, sublinha o estudo.